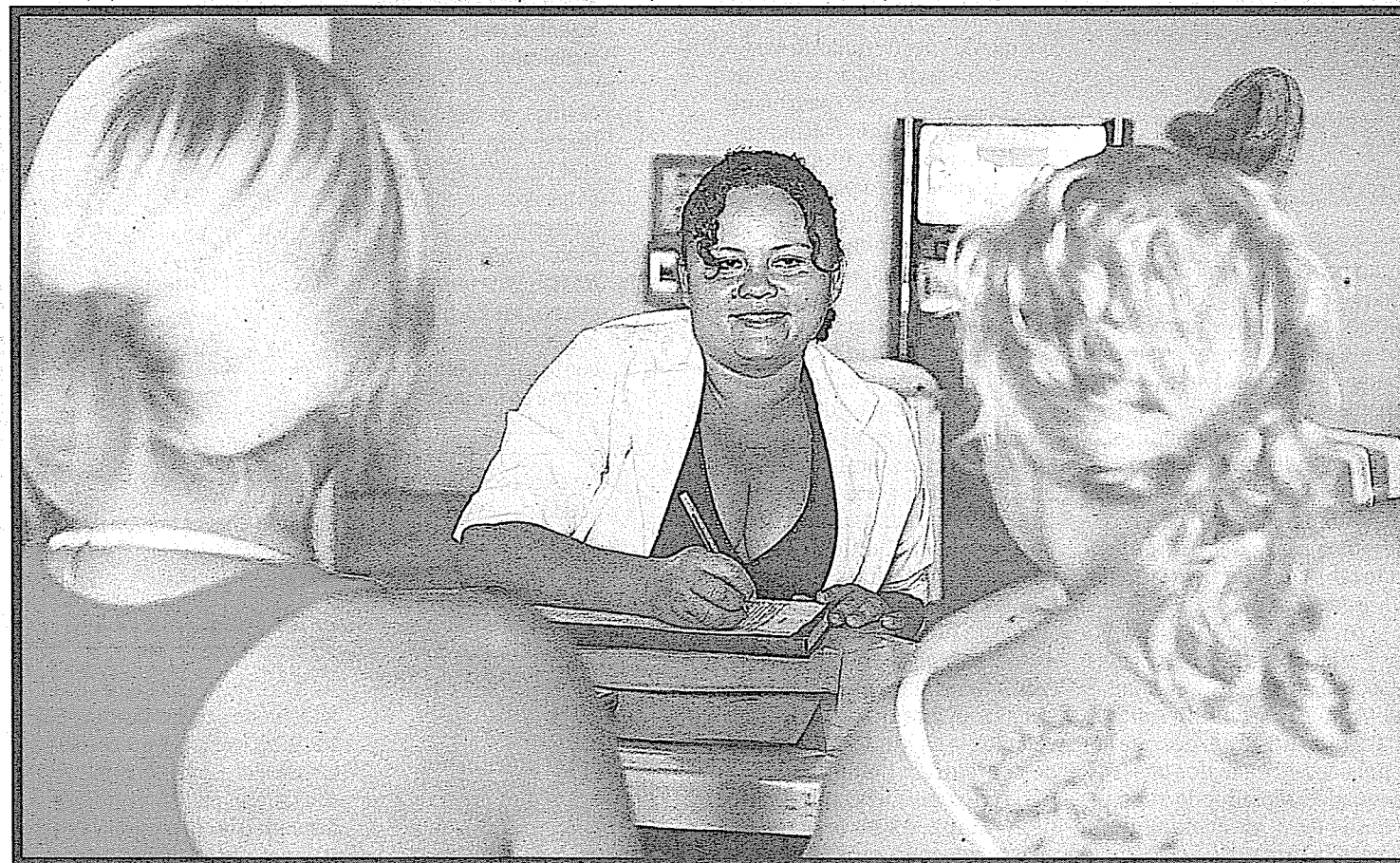


» LEILANE MENEZES

Boa ação sem preconceito

//Donas de casa católicas se unem com o objetivo de garantir atendimento médico gratuito para as cerca de 200 prostitutas da cidade do Entorno

Kleber Lima/CB/D.A Press



A voluntária Francisca Michele cadastra as garotas de uma casa que só aceita louras: assistência à saúde, dignidade e chance de buscar outro emprego

O Projeto de Lei nº 98 de 2003, de autoria do deputado federal Fernando Gabeira (PV-RJ), dispõe sobre a regulamentação da prostituição como atividade profissional e estabelece a obrigatoriedade de pagamento por serviço sexuais, quando houver acordo entre as partes envolvidas. A proposta está em tramitação na Câmara dos Deputados.

Na moda

A prostituta aposentada carioca Gabriela Leite criou, em 2005, a marca Daspu. O nome é inspirado na famosa Daslu, uma loja luxuosa de São Paulo batizada com esse nome por pertencer a duas Lúcias. Gabriela e outras colegas criam roupas e acessórios sensuais, inspirados nas roupas de "batalha" que as moças usam para trabalhar nas avenidas do Rio de Janeiro. O grupo já participou de vários desfiles em semanas de moda de todo o Brasil.

» Momentos ruins

As donas de casa se sensibilizam com o preconceito sofrido pelas prostitutas. "A maior parte da comunidade trata essas meninas como se elas não fossem gente. Muitas delas entraram nessa por desespero", relata Marta Regina. "Nós sabemos como é bom poder contar com alguém, porque também já tivemos momentos ruins", acrescenta Ana.

Francisca e Ana saem de casa a pé para bater de porta em porta e registrar as mulheres. Elas usavam duas bicicletas, que quebraram. Há, no mínimo, 200 prostitutas em Águas Lindas, segundo as Guerreiras. Em uma mesma rua, é possível contar pelo menos cinco casas de prostituição. Na entrada da cidade, na BR-070, há outros seis bares do mesmo tipo. Alguns possuem anúncios na fachada: sauna R\$ 5, aluguel de quartos a partir de R\$ 20.

As primeiras garotas abordadas trabalham em uma casa noturna no bairro Jardim Barragem 3, em Águas Lindas. O espaço, que aceita apenas loiras, fica na rua de trás de onde moram Ana, Francisca e Marta Regina. Na última quinta-feira, duas garotas assistiam à TV depois de uma jornada de trabalho. As outras nove dormiam nos quartos. A voluntária lhes entregou a ficha, explicando que as informações são confidenciais. Após preencherem o documento, as moças — que se apresentaram como Juliana, 22 anos, vinda de Formosa, e Sandra, 28 anos, nascida em Goiânia — contaram um pouco de sua história.

Juliana era vendedora, estava casada havia sete anos, mãe de dois meninos. Perdeu o emprego depois do divórcio, não conseguiu outro e entrou na prostituição aos 21 anos. Sandra tem um filho e nunca tentou trabalhar em outra área. Nenhuma das duas consegue consultas em Águas Lindas. "Ninguém respeita a gente, nem os atendentes do hospital", lamenta Juliana.

Ana faz uma constatação ao sair do prostíbulo: "No meio de toda essa pobreza, ninguém fica livre de se desesperar". A atividade é um trabalho de "formiguinha", como define Francisca. As duas caminham para casa com as sandálias sujas de barro e a sensação de um dever que começa a ser cumprido.

Garota de programa, mulher da vida, meretriz, cortesã, profissional do sexo. São incontáveis os nomes para classificar as mulheres que exercem a "profissão mais antiga do mundo". Mas, para um grupo de donas de casa católicas de Águas Lindas (GO), tais moças viraram as "meninas direitas".

Ana Maria da Silva, 29 anos, Marta Regina de Sousa, 33, e Francisca Michele Cardoso, 38, preferem chamá-las assim. As três se uniram a outras oito mães de família há um ano para formar o grupo Guerreiras de Fátima. Elas não têm ligação com uma paróquia específica ou partido político. Realizam um trabalho social com o intuito de ajudar a quem precisa. E desde a última semana iniciaram um plano ousado: cadastrar todas as prostitutas da cidade para fazer exames ginecológicos no posto de saúde.

Deve constar em uma ficha nome, idade, quantos programas faz por dia, se usa drogas e se existe interesse em mudar de vida. Essas informações servem para definir quantos preservativos as Guerreiras vão entregar, quais exames as meninas têm de fazer com mais urgência e se querem entregar currículos para que o grupo tente encontrar uma profissão regular para elas.

Os médicos e enfermeiros do Hospital Bom Jesus firmaram uma parceria com as Guerreiras de Fátima e trabalharão voluntariamente uma vez por mês só para atender as garotas. Os enfermeiros vão colher o material para exames de prevenção de câncer do colo do útero e doenças sexualmente transmissíveis (DST), além de oferecer camisinhas. "A ideia surgiu de uma conversa com um médico da cidade. Ele contou que cada vez mais adolescentes chegam ao centro de saúde com Aids e outras DST em estado grave. Algumas delas trabalham como prostitutas e têm vergonha de ir ao posto porque passam por discriminação", explica Francisca, a idealizadora do projeto.